

O primeiro Natal

Gonçalo era um menino de dez anos como tantos outros: gostava de jogar à bola, de vez em quando, andar de bicicleta, algumas vezes, e jogar no telemóvel ou no computador todos os dias, horas a fio até, se o deixassem, claro.

Na verdade, nada mais lhe suscitava tanto interesse, apesar de até achar piada a alguns programas de televisão, mas, no final, voltava sempre para os videojogos, que pareciam enfeitiçá-lo continuamente.

No último dia de aulas do primeiro período, enquanto regressava a casa de bicicleta, como habitualmente, ia pensando na sua vida, preocupado com as notas que não iam ser famosas e já estava à espera que o interrogassem em casa acerca deste assunto, por isso não tinha vontade nenhuma de voltar. Sabia perfeitamente que não se tinha aplicado o suficiente, nem estudado regularmente, mas os jogos eram bem mais interessantes e pareciam chamar por si incessantemente. Era mesmo difícil resistir-lhes. No entanto, agora que sabia o resultado da sua falta de estudo e de empenho, sentia-se angustiado, pois sabia que os seus pais iam ficar desapontados com ele, principalmente a sua mãe, que abdicava muitas vezes do seu tempo livre para o ajudar nos resumos da matéria. Contudo, mal ela virava costas, voltava ao seu passatempo sem se lembrar mais dos testes. Agora, tinha de lidar com as consequências das suas ações insensatas.

Com este estado de espírito atormentado, decidiu fazer um desvio e dar uma volta maior de bicicleta, para ver se demorava um pouco mais a chegar a casa, na esperança de que, por algum milagre, as coisas pudessem melhorar, ou, pelo menos, conseguisse ganhar coragem para encarar os pais e assumir a sua responsabilidade, se possível sem lhes causar muito sofrimento.

Andou assim o resto da tarde, a passear no meio dos campos, a sentir o vento fresco no rosto, quando se apercebeu que um cão vadio ainda jovem o seguia. Bem procurou enxotá-lo, mas em vão, já que o animal não se assustava e teimava em fazer-lhe companhia, como se sentisse que este humano precisava de ajuda. O Gonçalo lá se resignou e deixou-o estar. Não se tratava de não gostar de animais, simplesmente não estava habituado a lidar com eles. Via os dos seus colegas, sempre tão carentes, a pedir afeto e atenção, que achava que era um desperdício de tempo brincar com eles, quando podia estar a jogar os seus jogos prediletos e a somar pontos no *ranking* dos melhores jogadores.

Entretanto as horas foram passando e já não podia demorar mais tempo, até porque estava longe de casa, começava a anoitecer e o frio já se fazia sentir. Quando finalmente se preparava para regressar, principiou a travessia de uma velha ponte de madeira que se estendia sobre um riacho, mas, como havia chovido muito nos últimos tempos, a madeira apodrecera e, com o seu peso, a ponte ruiu no preciso instante em que a atravessava, apenas o canito teve tempo de passar para o outro lado.

Não é que o riacho tivesse muita água, ou que a ponte fosse muito alta, o problema foi que, na queda, o corpo caiu mal, ficando sob a bicicleta desengonçada, e agora não conseguia mexer o pé esquerdo. Com muito custo, conseguiu arrastar-se para a margem, encharcado e dorido, ouvindo o cão a latir, como se o quisesse encorajar neste esforço tremendo. Teria o bicho noção da situação debilitante em que se encontrava e da sua dor lancinante? Procurou imediatamente o telemóvel que tinha no bolso para pedir ajuda, mas o mesmo estava morto, não resistira à água nem ao impacto da queda. Só lhe restava esperar que viessem à sua procura. O rapaz estava francamente assustado, pois era de noite e, com as roupas molhadas, ainda sentia mais frio, sem falar na dor do pé. No entanto, algo acendeu uma réstia de esperança no seu coração: havia uma cabana mesmo perto do riacho, não era de habitação, seria de algum agricultor que lá guardava alfaias agrícolas, mas, se conseguisse chegar até ela, sempre se podia resguardar do frio, pois essas cabanas costumavam

servir para armazenar palha para os animais. Animado por esta ideia, conseguiu juntar forças para se arrastar até lá e, felizmente, apesar de fechada, conseguiu abrir a porta, com algum esforço, e entrar. O cãozinho seguiu-o imediatamente, como uma flecha. Aliás, diga-se, em abono da verdade, que este animal nunca o largou de vista, sempre a cheirá-lo e a ladrar, como se o quisesse incentivar a continuar a tentar, não o deixando desistir. Apesar de estar escuro, o menino conseguiu perceber que era um curral e, de facto, tinha palha, mas não só, havia também uma vaca e um burro. Lembrou-se imediatamente da história que ouvira acerca do nascimento de Jesus, em Belém, há mais de dois mil anos, embora nunca tivesse frequentado a catequese. Sem saber bem porquê, esse pensamento animou o seu coração, que se encheu de esperança, e sentiu que, de alguma forma, estava seguro e que tudo ia acabar bem.

Com este alento na alma, deitou-se na palha e procurou a melhor posição para o pé. O cãozinho logo se acercou dele e aninhou-se ao seu lado, como se o quisesse aquecer com o calor do seu corpinho. As dores do pé continuavam fortes e sentia frio, mas felizmente tinha a mochila consigo, nem a tinha tirado das costas e por sorte era das impermeáveis. A mãe fizera questão de lha comprar precisamente para precaver o efeito da humidade sobre o material escolar, mesmo quando ele preferia outra que tinha um padrão mais giro. Neste momento, sentiu-se grato por a mãe não ter cedido aos seus caprichos. Afinal, os pais sempre sabem o que é melhor para os filhos! Lá dentro, tinha guardado um casaco que tirara à tarde e ainda encontrou uma maçã e uma sandes de manteiga, que não havia comido ao lanche por não lhe parecerem apetitosas. Na verdade, em pensamento, tinha mesmo reclamado com a mãe por lhe mandar um lanche tão fraco. Agora, tinha tanta fome que lhe pareciam as maiores guloseimas do universo inteiro. Começou pela sandes, mas, embora estivesse escuro, sentiu o olhar esfomeado do cãozinho que nunca o abandonou, por isso partilhou-a com ele, com muita gratidão por ter um amigo fiel no meio desta situação tão difícil. Em seguida, comeu a maçã e fechou os olhos. Sentia algum medo, por estar magoado e no escuro, mas, inexplicavelmente, também estava confiante. Ouvia o ruminar dos animais do curral e a sua respiração, que aquecia o ambiente, e sentiu-se no cenário do primeiro Natal, o que lhe transmitiu uma paz enorme, apesar das dores.

Tinham passado algumas horas desde que deixara a escola e a sua família já devia estar raladíssima à sua procura. Este pensamento deixou-o melancólico, pois sentiu tanto a sua falta e lembrou-se de todas as coisas boas que tinha na sua vida, às quais nem dava valor, por as julgar garantidas. Nesse momento, percebeu o quanto era feliz e afortunado e agradeceu a Deus por tudo, inclusive por aqueles animais que lhe estavam a fazer companhia. Sentiu mesmo que era outro menino, como se os acontecimentos daquele dia o tivessem transformado. Finalmente, percebia o que uma professora costumava dizer acerca de renascermos a cada dia e não sermos mais a mesma pessoa que éramos no dia anterior, pois tínhamos novas experiências a moldar a nossa maneira de ser, sabíamos um pouco mais do que na véspera. Cada dia era um presente, uma dádiva, uma oportunidade de melhorarmos como pessoas. E adormeceu com este pensamento.

A meio da noite, acordou sobressaltado com o barulho de carros. Era a sua família que finalmente o tinha encontrado, com o auxílio das autoridades. Foi um reencontro emocionante, com muitas lágrimas, abraços e beijos.

A partir desse dia, o Gonçalo mudou de facto a sua maneira de encarar a vida, olhando-a com mais gratidão, por isso procurou ser um bom aluno, um bom filho, um bom neto, um bom amigo, um bom dono para o seu cãozinho, que apelidou de Natal. E a festa de Natal, daí por diante, foi vivida de forma diferente por este menino, pois percebera finalmente a mensagem de Amor e Gratidão que a mesma encerra.